

O fenômeno Migratório Mundial e os desafios para a Missão dos Cristãos Leigos/as Missionários Scalabrinianos

Roberto Marinucci*

As migrações não são uma novidade da época contemporânea. Ao que tudo indica, sempre houve fluxos migratórios no decorrer da história da humanidade. No entanto, as migrações, enquanto fenômenos humanos e sociais, assumem sempre características peculiares da época e do contexto em que se desenvolvem. Seria ingênuo, portanto, pensar em responder aos desafios migratórios atuais a partir de abordagens velhas, anacrônicas. O que deu certo no passado não necessariamente vai dar certo no presente. Portanto, antes de pensar em respostas operacionais, faz-se necessário responder alguns questionamentos: quais as características peculiares das migrações contemporâneas? O que nos desafia, enquanto seres humanos, cristãos e scalabrinianos leigos e leigas? A expressão “o que nos desafia” pode ser traduzida também como: “o que nos deixa indignados”, “o que fere nossa sensibilidade e nossa consciência”, “o que contradiz nossos valores”, mas, também, “o que revela a presença salvífica e libertadora de Deus”, “o que representa um sinal dos tempos”, “o que nos chama à conversão”?

1. A relativização do “humano”

Um primeiro desafio a ser enfatizado na análise dos fluxos migratórios contemporâneos é a assim chamada “relativização do humano”. É comum, na nossa época, falar em “relativismo” em relação a doutrinas religiosas. No nosso caso, por “relativização do humano” entendemos a subordinação do ser humano e sua dignidade a outros referenciais valorativos, como o mercado neoliberal, o dinheiro, o poder, o nacionalismo, a identidade nacional, étnica, racial ou religiosa. O ser humano deixa de ser um valor fundamental, um fim último, para tornar-se um instrumento, um meio para alcançar outros objetivos, como o enriquecimento econômico, a segurança, o poder etc.

No âmbito ético-moral, é comum a utilização da expressão “reificação” (do latim *res*, coisa) ou “coisificação” do ser humano: a pessoa transformar-se num “objeto”, numa coisa, que pode ser usada e descartada, dependendo dos interesses de quem a utiliza. Enfim, o ser humano assume um valor comparável àquele de uma mercadoria cujo objetivo é satisfazer as necessidades e os desejos de quem a utiliza.

Nas migrações contemporâneas, infelizmente, a “relativização do humano” se torna cada vez mais comum. Alguns exemplos:

- *O/a migrante é freqüentemente considerado um simples objeto para maximizar os lucros*: atravessadores e traficantes aliciam e usam pessoas em mobilidade para embolsar ingentes quantias de dinheiro; empregadores enriquecem explorando o trabalho informal de migrantes irregulares; países de imigração lucram negando aos trabalhadores estrangeiros –

* Missiologo, pesquisador do CSEM – Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios (www.csem.org.br) da congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeo Scalabrinianas.

sobretudo aqueles irregulares – o acesso aos serviços sociais básicos; países de emigração lucram manipulando as remessas dos migrantes.

- *O/a migrante é freqüentemente considerado um simples objeto para alcançar o poder:* em muitos países, o caminho mais simples para vencer pleitos eleitorais se tornou criminalizar estrangeiros/as e prometer políticas imigratórias rígidas¹; da mesma forma, radicalizar a luta contra o terrorismo – muitas vezes identificada com a luta contra os migrantes muçulmanos – garante, com freqüência, a aprovação de grande parte do eleitorado; além disso, relacionado ao poder é também o tráfico de pessoas, sobretudo mulheres, para fins de exploração sexual: neste caso, o poder não é político, mas é dominação sobre o outro, prazer em humilhar e subjugar a vítima; nesta esteira podem ser incluídos também alguns crimes hediondos praticados contra migrantes por grupos *skinheads* e neonazistas.

- *O/a migrante é freqüentemente considerado um simples objeto para alcançar maior segurança e amenizar as crises sociais:* mesmo tendo pouca ou nenhuma responsabilidade pelas crises sociais dos países de chegada, estrangeiros e estrangeiras são comumente usados como “bodes expiatórios”. Fala-se em “ondas”, “avalanches”, “invasões” migratórias com o objetivo de criar coesão social contra um suposto inimigo comum e fortalecer uma identidade nacional em contraposição aos “bárbaros” invasores.

Esses sucintos exemplos atestam como, no mundo da migração, o “humano” é cada vez mais relativizado, menosprezado, subordinado a outros critérios e valores. Este é um primeiro grande desafio da mobilidade humana no contexto contemporâneo: recuperar a centralidade do ser humano migrante e de sua dignidade inalienável. Em outras palavras, independentemente da natureza e das causas do processo migratório, a pessoa em mobilidade é portadora de direitos que não podem ser subordinados à lógica do lucro, do poder ou da segurança nacional e individual. Dizer que a dignidade do ser humano migrante é “inalienável”, significa dizer que não pode ser “alienada”, não pode ser “vendida”, ou melhor, não está à venda, não tem preço.

Traduzindo essas afirmações numa linguagem cristã, podemos afirmar que cada ser humano é gratuitamente criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26) e, por conseguinte, portador de uma dignidade que não depende de sua nacionalidade, de sua etnia, de sua religião ou de sua moralidade (cf. Gn 9,6). A dignidade do ser humano decorre unicamente do dom gratuito de Deus, que criou homens e mulheres como “sujeitos”, “interlocutores”. É justamente com o gênero humano que Deus estabelece seu diálogo de salvação. Esse diálogo se fundamenta no reconhecimento, por parte de Deus, da dignidade e no respeito da liberdade do ser humano, mesmo quando utilizada contra os planos divinos.

Para cristãos leigos e leigas scalabrinianos, reconhecer a dignidade do/da migrante significa tê-lo como “interlocutor”, pessoa com a qual somos chamados a interagir, dialogar. Concretamente, isso implica o dever de denunciar as situações que “desumanizam” migrantes e refugiados e, ao mesmo tempo, o dever de multiplicar os espaços de acolhida, partilha, comunhão e interlocução, em que as pessoas em mobilidade “redescubram” aquela dignidade menosprezada. Enfim, criar práticas concretas em que migrantes e refugiados, como sujeitos da própria história, vivenciem relações simétricas, solidárias e libertadoras.

Vale lembrar, a este propósito, as palavras do pe. Giorgio Paleari:

¹ “Imigração é tema central das eleições americanas”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u100992.shtml> - Acessado em: 16.10.06

não é falando muito de um Deus que é amor que a criança constrói sua visão do mundo; mas, através de “práticas pedagógicas libertadoras”, a criança e o adulto tornam-se sujeitos, fazendo a experiência da fraternidade e, a partir daí, eles mesmos, numa constante comparação com a Palavra de Deus, conseguem reconstruir a visão de um Deus que é Pai, que é bom e que quer que todos sejam irmãos. É através da experiência, de práticas novas e de novas atitudes que a criança e o adulto, como sujeitos da catequese, são capazes de reformular sua visão do mundo.²

Enfim, diante da “relativização do humano” de migrantes e refugiados, os cristãos leigos e leigas scalabrinianos são chamados a reconstruir ou a “re-criar” a dignidade humana das pessoas em mobilidade multiplicando práticas e espaços de relações fraternas e solidárias, onde – como afirmam as Diretrizes dos Leigos e Leigas Scalabrinianos – “ninguém é excluído e todos são chamados pelo Pai pelo próprio nome”³.

2. Um mundo em mobilidade, um povo que se mobiliza

Outra característica das migrações contemporâneas é o seu caráter “permanente e estrutural”⁴. Estamos diante de um fenômeno um pouco diferente em relação ao passado. Hoje não vivemos simplesmente numa época de grandes migrações, e sim, numa época em que se vive em “estado de migração”. Alguns exemplos serão suficientes para elucidar a afirmação.

Nos dias de hoje, além dos 200 milhões de pessoas que vivem fora do país em que nasceram (migrantes internacionais), temos milhões de pessoas que moram fora da região ou da cidade de origem (migrantes internos), milhões de pessoas que trabalham fora da região ou cidade em que residem (migrantes laborais temporários ou sazonais), milhões de pessoas que se deslocam temporariamente por turismo ou outras atividades. Além disso, não podemos esquecer os milhões de pessoas que, mesmo permanecendo na própria terra, vivenciam o “fato migratório” pela ausência cotidiana de familiares que migraram. Enfim, vivemos num mundo em mobilidade, num mundo onde os deslocamentos geográficos se tornaram cada vez mais normais, habituais.

Esta mobilidade generalizada é comprovada também pela rápida difusão das assim chamadas “famílias transnacionais”. Com essa expressão entendemos “*aquellas cuyos miembros pertenecen a dos hogares, dos culturas y dos economías, simultáneamente*”⁵. Trata-se de famílias em que um ou mais membros residem em outro país, mas continuam mantendo profundos laços afetivos e econômicos. Existem muitas variáveis de família transnacional. Um caso frequente ocorre quando o/a chefe de família migra para o exterior a fim de trabalhar e enviar remessas. Os filhos permanecem na terra de origem, sob o cuidado do outro genitor ou de algum parente. Não temos aqui o espaço para aprofundar esse assunto. O que nos interessa salientar é que a mobilidade humana se tornou um fator tão estrutural e permanente que os próprios núcleos familiares estão se adaptando a essa realidade.

² PALEARI, Giorgio. *Visão do mundo e evangelização*. Uma abordagem antropológica. São Paulo: Ave Maria, 1994, p. 64.

³ MOVIMENTO DE LEIGOS MISSIONÁRIOS SCALABRINIANOS – MLMS. *Diretrizes Gerais*.

⁴ *Erga Migrantes Caritas Christi*, n. 1.

⁵ UNFPA. *Estado de la población mundial 2006*, p. 33.

A busca de trabalho é, sem dúvida, uma das principais causas dessa mobilidade estrutural e permanente. O predomínio do capital financeiro especulativo, o desemprego estrutural e a flexibilização do trabalho obrigam milhões de pessoas a se deslocarem constantemente em busca de emprego e de melhores condições de vida. Em muitas partes do mundo, o crescimento demográfico e a utilização de tecnologias nas áreas rurais têm provocado uma expulsão massiva do campo e um decorrente inchaço de megalópoles, com todos os problemas decorrentes. Nos últimos 15 anos, de acordo com estatísticas da ONU, registra-se também um acelerado aumento da emigração internacional na direção Sul – Norte, ou seja, dos países economicamente mais pobres para aqueles economicamente mais ricos. Embora não se trate de uma “invasão” – como alguém costuma afirmar – representa, com certeza, um sinal do desejo por um mundo mais justo e solidário, um mundo onde todos tenham direito à *inclusão biológica* (sobrevivência) e à *inclusão social* (cidadania)⁶.

Neste sentido, o povo em mobilidade é também um povo que se mobiliza, que rejeita o papel subalterno e a relativização da própria humanidade. As manifestações do dia 1º de maio nos EUA, contra as propostas de Lei de Estrangeiro, representam um sinal desse povo em mobilidade que se mobiliza. Milhões de migrantes – e de pessoas não-migrantes solidárias – protestaram pacificamente, na esteira da tradição de Martin Luther King: assim como o povo afro-americano segregado reivindicava, nos anos 60 e 70 do século passado, seus direitos à plena cidadania, os migrantes lutam, hoje, por uma sociedade inclusiva e contra a criminalização, a exploração e a xenofobia.

Em outros países também, embora nem sempre de forma totalmente não-violenta, migrantes e filhos/as de migrantes manifestaram sua indignação, seu clamor por justiça e inclusão. Ao destacar esses acontecimentos, nos interessa focar que, nos dias de hoje, os/as migrantes estão se tornando sujeitos históricos de transformação. Apesar de vitimizados, estão assumindo um papel protagônico, rejeitando o estereótipo do migrante “coitadinho” e “desamparado”. Os/as migrantes contemporâneos pedem solidariedade, antes que esmola. Eles querem participação, antes que benefícios.

Estas reflexões apontam vários desafios para os cristãos leigos e leigas scalabrinianos.

1) Em primeiro lugar, um mundo em mobilidade é um mundo que precisa tornar o “fato migratório” um critério norteador das análises, das avaliações, das decisões e das políticas públicas contemporâneas. Em outras palavras, seja qual for o assunto abordado (trabalho, educação, saúde, política, família, religião, esportes etc.), sempre terá que ser analisado também numa ótica migratória, ou seja, a partir do olhar dos migrantes. As migrações tornaram-se uma indispensável chave de leitura da realidade.

Isso significa que nunca como hoje o carisma scalabriniano foi tão precioso, urgente e necessário. Para os cristãos leigos e leigas scalabrinianos isso representa uma alegria e, ao mesmo tempo, uma séria responsabilidade: urge influenciar os centros de reflexão, de análise, bem como os centros de decisões, para que o “fato migratório” seja sempre levado em conta.

2) Em segundo lugar, um mundo em mobilidade é também um mundo dinâmico, aberto, em constante evolução. A realidade contemporânea passa por mudanças radicais em prazos cada vez mais curtos. A mobilidade geográfica dos migrantes acompanha e, às vezes, estimula essa

⁶ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *O Mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 24

“mobilidade cultural” – no sentido de mudanças culturais – cada vez mais frenética. O espaço e o tempo encolheram! É a sociedade globalizada.

Apesar de não serem a principal causa dessa situação, as migrações constituem um ulterior fator de transformação em contextos já caracterizados por mudanças rápidas e radicais. Um senso de “desamparo” e “incerteza” se alastra em muitas sociedades. Esta situação pode gerar dois riscos: 1) hostilidade a todo tipo de mudança e novidade, incluindo aquelas introduzidas pelos migrantes, com o conseqüente fortalecimento de tendências fundamentalistas, xenófobas e nacionalistas⁷; 2) renúncia total a qualquer tipo de ideal ou valor sólido e estável – pois tudo muda, tudo é transitório – com a conseqüente relativização inclusive dos direitos humanos.

Diante desses riscos, o desafio para os cristãos leigos e leigas scalabrinianos, antes de tudo, é testemunhar, em palavras e eventos⁸, a ação do Espírito de Cristo que “renova a face da terra”⁹, sendo a “novidade”, justamente, um espaço privilegiado de manifestação da ação de Deus na história. Nesta perspectiva, a “alteridade” trazida pelo/a migrante, longe de ser considerada um perigo, uma ameaça, se torna um recurso, uma oportunidade de um mútuo enriquecimento cultural, social e espiritual.

Por outro lado, se a irrupção da novidade nos ajuda a não absolutizar o *status quo*, diante da fragmentação axiológica contemporânea – ou, como preferem alguns, pós-moderna – somos chamados a reafirmar a existência de valores universais, que, mesmo se constantemente reinterpretados, perpassam épocas e culturas. Neste âmbito, para evitar impor “nossos” valores, é importante criar espaços de diálogo em que pessoas de diferentes nacionalidades, culturas e religiões possam refletir juntas e encontrar convergências éticas acerca de valores e princípios que fundamentam a convivência humana.¹⁰

3) Em terceiro lugar, cabe aos cristãos leigos e leigas scalabrinianos fortalecer o papel protagônico dos/as migrantes. Embora seja evidente que há casos em que a ajuda emergencial se faz necessária, é importante superar os enfoques exclusivamente assistencialistas. Com efeito, ao exagerarmos no paternalismo ou maternalismo, estamos transmitindo uma desconfiança em relação à capacidade que os/as migrantes têm de ser sujeitos da própria história. No fundo, trata-se de uma forma dissimulada de relativização do humano.

Nesse sentido, no dia-a-dia, é importante não apenas procurar o que nós podemos fazer para os/as migrantes, mas também o que podemos receber deles. Nada fortalece mais a auto-estima e “reconstrói” a humanidade do/da migrante como a experiência de sentir-se útil, precioso, enriquecedor para as pessoas que estão ao seu redor. Os bispos latino-americanos e caribenhos, na Conferência de Puebla, em 1979, falavam do “potencial evangelizador dos pobres”¹¹. De forma análoga, hoje, podemos falar no “potencial evangelizador dos/as migrantes” que, na alegria e nos sofrimentos, testemunham o ideal de uma sociedade sem fronteiras, onde a comunhão da “família humana” antecede qualquer distinção de nacionalidade, etnia, religião e classe social.

⁷ Um sintoma disso é apresentado por uma recente notícia que apareceu na mídia internacional, relatando a existência de cerca de 10 mil neonazistas na Espanha (Cf. “Dez mil radicais unidos pela xenofobia”. Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/midiaglobal/elpais/2006/10/10/ult581u1841.jhtm> Acessado em: 10.10.06).

⁸ Cf. *Dei verbum*, 2.

⁹ Sal 104,30.

¹⁰ Cf. KUSCHEL, Karl-Josef – MIETH, Dietmar (orgs). Em busca de valores universais. *Concilium* 292 – 2001/4.

¹¹ CELAM. *Conclusões de Puebla*. São Paulo: Paulinas, n. 1147.

Apoiar o papel protagônico do/a migrante significa também solidarizar-se com suas reivindicações. Geralmente, as pessoas em mobilidade têm mais dificuldades em reivindicar direitos, às vezes, por medo da deportação, outras vezes, por desconhecimento de seus direitos ou, simplesmente, por falta de tempo e oportunidades. Neste âmbito, com frequência, o apoio de pessoas do lugar se torna determinante para que os migrantes possam expressar seu clamor por justiça e dignidade.

Finalmente, ao se considerar que atualmente muitas pessoas migram dos países economicamente mais pobres para aqueles economicamente mais ricos, assumir a causa dos migrantes significa denunciar as injustiças e as assimetrias das relações políticas e econômicas entre países, e trabalhar para a construção de uma sociedade internacional mais equitativa e justa ou, como sustenta a *Erga Migrantes*, “uma nova visão da comunidade mundial, considerada como família de povos, à qual finalmente são destinados os bens da terra, numa perspectiva do bem comum universal”¹².

3. Interculturalidade ou monoculturalismo?

Embora sejam relativamente poucos os países com grande porcentagem de estrangeiros/as em relação à população nacional¹³, não há dúvida de que a presença de migrantes está assumindo uma visibilidade crescente. Essa visibilidade¹⁴ pode decorrer de diferentes fatores, como o aumento do número total de estrangeiros, a maior diversidade étnica, cultural e religiosa, a crescente cobertura midiática sobre o tema e, sobretudo, as reivindicações de indivíduos e grupos organizados de migrantes.

Para designar esta nova realidade, utiliza-se, nos dias de hoje, palavras precedidas pelos prefixos “pluri”, “multi”, “inter”: por exemplo, multiculturalismo, pluricultural ou intercultural. A mensagem é clara: as sociedades deixaram de ser homogêneas e monolíticas. O mundo em mobilidade é um mundo onde se entrelaçam culturas, etnias e religiões. Hoje, não é tão fácil identificar um país com determinados traços biológicos ou culturais. No passado, por exemplo, podia-se afirmar com convicção: “os alemães têm pele branca”. Entretanto, na última Copa do Mundo de futebol, a seleção alemã escalou um jogador negro. Hoje, só podemos afirmar: “a maioria dos alemães tem pele branca”.

A complexificação e a diversificação dizem respeito a todos os âmbitos da cultura: a dimensão adaptativa, associativa e simbólica. Em suma, dizem respeito à identidade de indivíduos e coletividades. Aqui estamos nos referindo não apenas às pessoas que emigram, mas também àquelas que recebem os imigrantes e àqueles que são abandonadas por eles. Estamos diante de um grande número seres humanos, em situações e com características diferentes, mas que compartilham a necessidade de responder a uma nova realidade, a ponto de gerar mudanças identitárias. Como lidar com essa situação? Como fazer com que a reformulação identitária se

¹² *Erga migrantes caritas Christi*, n. 8.

¹³ De acordo com dados da ONU (2005), os migrantes representam mais de 20% da população de apenas 10 países com mais de 1 milhão de habitantes (cf. ONU - Consejo Económico y Social. *Seguimiento de la población mundial, con especial referencia a la migración internacional y el desarrollo*. 2006. Disponível em: http://www.cinu.org.mx/prensa/especiales/2006/Migracion/poblacion_04_04_06.pdf Acessado em: 24.08.2006).

¹⁴ Nesta reflexão insistimos na questão da “visibilidade das migrações”, pois acreditamos que seja um dos sinais dos tempos. No entanto, reconhecemos que estamos diante de um processo ainda incipiente. Em muitos países, os fluxos migratórios ainda são totalmente “invisíveis”, sobretudo quando protagonizados por mulheres.

torne um espaço de crescimento humano, social e espiritual? Como evitar, nestas situações, o nascimento ou fortalecimento de “fobias”, com as decorrentes saídas fundamentalistas, nacionalistas, xenófobas ou racistas? Como garantir a integração cidadã dos migrantes e, ao mesmo tempo, a “integração” dos membros dos países de acolhida à nova realidade gerada pela forte imigração?

Uma primeira resposta a este conjunto de desafios está numa opção fundamental: interculturalidade ou monoculturalismo? Ou seja, queremos trabalhar pela geração de sociedades plurais e dialógicas (interculturalidade) ou pela exclusão e eliminação das diversidades (monoculturalismo)? Enquanto cristãos/ãs e scalabrinianos/as, acreditamos que a nossa opção não possa ser outra que não a pela interculturalidade, por diferentes motivos.

Antes de tudo, de um ponto de vista valorativo, a diversidade representa uma riqueza e uma oportunidade para o crescimento humano, social e espiritual dos povos, desde que vivida na ótica do diálogo e do respeito recíproco. Em outras palavras, o problema não está na alteridade em si, mas na dificuldade que temos – migrantes e nativos – em lidar com ela. Sem dúvida, este representa um primeiro desafio: criar uma “cultura da tolerância” ou, mais que isso, uma “cultura do diálogo”.

Em segundo lugar, a opção pela interculturalidade decorre de uma razão especificamente pragmática: é impossível conter a mobilidade humana internacional. Por mais que se construam muros ou se implementem rígidas políticas imigratórias, o fluxo de migrantes internacionais continuará intenso. Como já falamos, estamos diante de um fenômeno “estrutural e permanente” e não de algo conjuntural. Nesse sentido, a opção pelo monoculturalismo é meramente ilusória.

Finalmente, de um ponto de vista cristão, a interculturalidade nos remete às relações trinitárias, à comunhão relacional de Pai, Filho e Espírito Santo. O modelo trinitário se torna fonte de inspiração para sociedades plurais em que as diversidades são acolhidas e partilhadas em espaços de inter-locação e inter-ação.

É neste contexto que se insere um amplo leque de desafios imediatos, como a integração ou incorporação dos migrantes; a complexa questão das segundas e terceiras gerações; os desafios do retorno e da “re-integração”; o diálogo inter-religioso e ecumênico; a educação intercultural; a medicina transcultural; a promoção dos direitos civis e políticos dos estrangeiros/as; a superação de toda forma de discriminação, xenofobia e etnocentrismo.

Ao abordar todas essas questões, é importante que a opção de fundo, o horizonte norteador seja claro: a construção de uma sociedade plural, inclusiva e intercultural, ou seja, uma sociedade em que as diferentes culturas possam conviver de forma pacífica, dialógica e reciprocamente enriquecedora.

Neste contexto, as comunidades cristãs são chamadas a se tomar sinais claros de interculturalidade, constituindo-se como espaços de diálogo e interlocução entre alteridades, em busca constante da presença universal e vivificadora do Espírito “que sopra onde quer” (Jo 3,8). É claro que isso não dispensa as comunidades de tomar posição ou, eventualmente, questionar determinadas práticas ou ideologias. No entanto, a essência da identidade cristã, antes que em preceitos, normas ou doutrinas, está na imitação e na prática daquele diálogo salvífico que Deus, desde o princípio, instaurou com o gênero humano e sua criação, em vista da libertação integral, histórica e escatológica, de todas as suas criaturas.

4. Inspirados/as pela lógica do Reinado de Deus

Um último desafio que gostaríamos de frisar refere-se a nossa relação com a mobilidade humana. Até agora vimos aspectos da mobilidade humana que nos interpelam e nos chamam a respostas urgentes e focalizadas. Neste momento vamos trilhar o caminho inverso, ou seja, nossa relação com a mobilidade humana. Em outras palavras, de que forma a nossa vida, nosso dia-a-dia se deixa interpelar pelas urgências das migrações internacionais? O “clamor dos pobres” – diziam os bispos de Puebla – é “claro, crescente, impetuoso”¹⁵, ... e nossos ouvidos? Estamos disponíveis, abertos, “convertidos” para ouvir o grito de migrantes e refugiados?

Antes de tudo, cabe frisar que, nos dias de hoje, migrantes e refugiados não são apenas personagens de novelas ou protagonistas de noticiários da TV. Vivemos numa época em que todos os países, de forma mais ou menos intensa, participam dos fluxos migratórios como países de origem, destino e/ou trânsito. Os/as migrantes fazem parte de nossas vidas: são colegas de trabalho, sentam ao nosso lado no ônibus, freqüentam a mesma turma de nossos filhos, pedem socorro no meio da rua. O clamor deles é muito mais próximo do que imaginamos. Como no caso do samaritano da parábola de Lucas¹⁶, os migrantes injustiçados estão caídos no meio das ruas que trilhamos; ou, como no caso do endemoninhado geraseno de Marcos¹⁷, eles vêm ao nosso encontro, clamando por libertação.

No entanto, apesar da proximidade física de migrantes e refugiados, às vezes temos dificuldades em lidar com eles. Esboçamos duas razões: 1) o medo de ter que abrir mão de algo que reputamos fundamental para nossa felicidade e 2) a dificuldade em lidar com a alteridade.

No que se refere ao primeiro ponto, a questão é especificamente econômica: a acolhida do migrante é um convite à partilha. Partilha das nossas moradias, das nossas refeições, do nosso salário e, sobretudo, do nosso tempo – o que não deixa de ser uma questão econômica, pois, na sociedade capitalista, “o tempo é dinheiro”! Às vezes, o medo de ter que abrir mão de “riquezas” que consideramos necessárias para nossa felicidade nos afasta da solidariedade com migrantes e refugiados.

Quanto à dificuldade em lidar com a alteridade, acreditamos que o fato que mais incomoda nas migrações contemporâneas é justamente a diversidade étnica, religiosa e/ou cultural das pessoas que chegam. Na Itália, por exemplo, a presença de um espanhol católico não gera tantas reações como a de um senegalense muçulmano; ou, nos EUA, a presença de um canadense branco, não é tão questionada como a de um mexicano mestiço. Enfim, o/a migrante não é apenas o pobre a ser libertado, mas também o “outro” que pede seu espaço, que quer ser reconhecido em sua alteridade. Às vezes, é mais fácil acolher o migrante faminto e sedento¹⁸ do que acolher o migrante “estrangeiro”¹⁹, ou seja, o “estranho”, o outro, o diferente.

Enfim, as interpelações da realidade migratória contemporânea podem não ter nenhum efeito nos agentes de pastoral se não acompanhadas por um processo de “conversão” constante à lógica do Reino de Deus. Essa conversão implica vários fatores entre os quais queremos destacar apenas dois:

¹⁵ CELAM. *Conclusões de Puebla*. São Paulo: Paulinas, n. 89.

¹⁶ Cf. Lc 10, 29-37.

¹⁷ Cf. Mc 5,1-20.

¹⁸ Cf. Mt 25, 42

¹⁹ Cf. Mt 25, 43a

a) *Acolher a alteridade como fator de crescimento e fidelidade ao Deus de Jesus Cristo.* A diversidade religiosa, étnica e cultural dos/as migrantes nos desafia, nos questiona, quebra nossos hábitos cotidianos, mas, ao mesmo tempo, nos enriquece, nos convida a ir além, a superar nossos estritos limites. Na tradição cristã, o outro é lugar de encontro com o Totalmente Outro. Dito de outra forma, nossa capacidade de acolher a alteridade divina é proporcional à capacidade de acolher a alteridade humana, da mesma forma que o amor a Deus é proporcional ao amor ao próximo. O processo é circular: acolher Deus – o Totalmente Outro – nos ajuda a acolher o “outro” migrante, da mesma forma que acolher o “outro” migrante nos ajuda a reconhecer e aceitar a presença de Deus.

b) *Assumir como opções de vida as heresias do “credo neoliberal”.* Em tempos dominados pelo neoliberalismo, difunde-se o “credo”, a “profissão de fé” nas capacidades redentoras do mercado: acredita-se que a felicidade esteja no consumo de mercadorias! Como é comum acontecer, as profissões de fé geram também “heresias”, ou seja, credos alternativos, heréticos, que questionam os credos oficiais. Hoje, as heresias que questionam o “credo neoliberal” são: não enriquecerás mais do que o necessário para viver com dignidade, não colocarás o lucro acima da dignidade humana, não poluirás e não desperdiçarás os recursos naturais não renováveis e, sobretudo, não terás outro Deus além de Jesus Cristo, ou seja, não procurarás a felicidade a não ser na lógica do Reino! Hoje, a acolhida, a partilha e a comunhão com o/a migrante só serão possíveis se os agentes de pastoral assumirem como opções de vida essas heresias do “credo neoliberal”. Caso contrário, haverá sempre um conflito de interesses entre o dever da partilha e o medo de perder riquezas consideradas fundamentais para a própria auto-realização.

Neste sentido, vale a pena concluir com as palavras de Dom Franco Masserdotti, bispo profeta de Balsas – MA, que faleceu recentemente, palavras escritas após a morte de Dom Luciano Mendes de Almeida:

A verdadeira morte acontece quando colocamos a nossa esperança e o sentido de nossa vida na posse, no poder, no prazer desregrado, quando fechamos o nosso coração ao próximo e nos deixamos levar pelo egoísmo. A verdadeira morte é quando temos medo de perder nossa vida por causa de Jesus e do Evangelho (cf. Mt 8,35).